

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM ESPAÇO DE HUMANIZAÇÃO, DIÁLOGO E AMOROSIDADE

Larissa Martins Freitas¹

Luiz Renato de Oliveira²

Celso Ilgo Henz³

Eixo 3 – Educação de Jovens e Adultos

RESUMO

Este artigo é um recorte de um estudo em andamento e tem como objetivo compreender se as salas de aula da EJA têm se configurado como um espaço de educação humanizadora que prima pela prática da escuta e do diálogo para o *ser mais* de todos. Sabemos que o Ensino Médio, principalmente o diurno, vem passando por uma forte crise de identidade. Há ainda uma grande preocupação com a transmissão de conteúdos e com o ingresso no ensino superior, como se todos os estudantes tivessem as mesmas necessidades e interesses. Nesse contexto, percebemos que um número expressivo de jovens migra para a EJA em busca de alternativas pedagógicas diferenciadas para concluir seus estudos, contudo, muitas vezes, encontram as mesmas práticas tradicionais do diurno. Metodologicamente este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Para a dinâmica dos encontros formativos com os estudantes utilizamos a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, inspirada nos Círculos de Cultura freireanos. A pesquisa realizou-se em uma escola de Ensino Médio da rede pública estadual de Santa Maria/RS. Compreendemos que as salas de aula da EJA têm se configurado como um espaço humanizador de diálogo e escuta. Verificamos que os educadores percebem a necessidade de propiciar aos estudantes uma educação diferenciada, significativa e humana, capaz de melhor acolhê-los.

Palavras-chaves: Ensino Médio. Juvenilização na EJA. Educação Humanizadora.

PALAVRAS INICIAIS

*[...] A certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição [...]
(Para não dizer que não falei de flores – Geraldo Vandré)*

Escolhemos iniciar este texto com um trecho da canção “Para não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré, por esta ser uma música que desafiou milhares de jovens e adultos a erguerem suas bandeiras e a lutarem por uma sociedade mais justa e mais humana durante o período da ditadura militar no Brasil. Acreditarmos que é exatamente essa bandeira que a educação precisa hastear; bem como é desse amor – o qual é capaz de lutar, de

¹ Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (UFRGS). Coordenadora Pedagógica na Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Rocha. E-mail: lari.mfreitas@yahoo.com.br.

² Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Especialista em História do Brasil (UFSM). Professor da Rede Pública Estadual e Municipal de Santa Maria/RS. renato_geo@yahoo.com.br.

³ Doutor em Educação (UFRGS, 2003). Professor Associado 2 da UFSM. Professor da LP1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, do PPGE/UFSM. Coordenador do Grupo de Estudos “DIALOGUS: educação, formação e humanização com Paulo Freire”. E-mail: celsoufsm@gmail.com.

transformar e de libertar os oprimidos – que a educação, os educadores e os estudantes necessitam, principalmente do Ensino Médio. Isso porque essa etapa da Educação Básica vem passando por uma forte crise de identidade, por estar completamente desvinculada do que seria necessário para que os processos de ensino-aprendizagem aconteçam.

Em razão disso, percebemos que um número expressivo de jovens, cada vez mais jovens, migra para o Ensino Médio/EJA em busca de alternativas pedagógicas diferenciadas para concluir seus estudos; contudo, muitas vezes, encontram as mesmas práticas tradicionais, excludentes e silenciadoras do Ensino Médio regular diurno. Sendo assim, este artigo objetiva compreender se as salas de aula da EJA têm se configurado como um espaço de educação humanizadora que prima pela prática da escuta e do diálogo para o *ser mais* de todos.

As reflexões apresentadas neste texto emergiram da pesquisa intitulada: “Interfaces entre o Ensino Médio regular e a juvenilização na EJA: diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre *quefazeres* docentes”, realizada com educadores do Ensino Médio regular diurno e EJA de duas Escolas de Ensino Médio da cidade de Santa Maria/RS, entre os anos de 2014 e 2015. Salientamos, no entanto, que os diálogos com os educadores participantes desta pesquisa foram provocados a partir das falas de seus estudantes.

Este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. No entanto, possui também características de pesquisa-formação, visto que os sujeitos coautores⁴ participaram ativamente dos diálogos-problematizadores. Para a dinâmica dos encontros com os educadores das duas escolas participantes, escolhemos a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, a qual é inspirada nos Círculos de Cultura freireanos em aproximação com a pesquisa-formação de Josso (2010).

DESENVOLVIMENTO

Percebemos que a educação, principalmente no nível básico, constituiu/constitui-se em meio a um emaranhado de impasses e de equívocos constantes que fizeram/fazem com que a escola avançasse/avance “à revelia das necessidades discentes e de suas motivações para estar nela” (AZEVEDO & REIS, 2014, p. 25), ao invés de assumir-se como espaço de possibilidades de um futuro social mais promissor. Encontramos ainda escolas com *paredes*

⁴ Os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos surgiram no Grupo de pesquisas *Dialogus: Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire*, da UFSM, como uma proposta inovadora de metodologia, tendo como base uma perspectiva mais humana e que de uma forma dialógica, reconhecesse que não existe um autor único, todos os sujeitos envolvidos também participam dialogicamente e, por isso, é impossível determinar um sujeito como o principal.

frias que julgam, discriminam e excluem, sem priorizar a dignidade humana e sem considerar os “os saberes de experiência⁵” que educandos trazem em sua bagagem. Fato esse que a torna sem sentido e significado para esses jovens, por estar desvinculada da realidade deles.

Além disso, a escola e os educadores tendem a compreender a ideia de juventude⁶ de maneira equivocada, como sendo um período de transição para a idade adulta, negando o momento presente do jovem, seus anseios imediatos, seus sonhos, expectativas e necessidades. Mais especificamente, o Ensino Médio ignora o universo em que o estudante está inserido como se ele estivesse em um momento neutro de sua vida, e devesse apenas caminhar rumo ao futuro.

“A verdade é que o futuro é feito por nós mesmos, através da transformação do presente.” (FREIRE, 2000, p. 62). O discurso de que precisamos estudar para ter um futuro melhor não convence àqueles que necessitam sobreviver em meio a uma sociedade que os oprime e os impede de serem cidadãos capazes de participar ativa e dignamente dela. Afinal, de que adianta somente acumular conteúdos se estes não podem possibilitar uma vida social mais justa e digna? Isso fez/faz com que muitos jovens percam o estímulo por estudar e, devido à obrigatoriedade de frequentar a escola, terminem por demonstrar sua insatisfação através de atitudes que não condizem com as “regras” impostas pela escola.

O que mais preocupa, no entanto, é o quão comumente os educadores não param para refletir sobre suas práticas pedagógicas, a fim de procurar entender o que faz com que esses estudantes percam o interesse pelo estudo; ao contrário, as instituições educativas acreditam ser bem mais fácil livrarem-se da presença “incômoda” do estudante que não se adequa às regras de uma educação tradicional. Sem contar que a maioria desses educadores e de suas equipes pedagógicas não compreende que está a serviço de uma educação para a elite, a qual apenas garante a manutenção das diferenças de classes, adequando os jovens “à realidade que serve ao dominador” (FREIRE, 2011b, p. 170), ou seja, trabalhando para garantir os interesses de um sistema excludente.

Diante do exposto, notamos que os estudantes veem na EJA uma oportunidade de prosseguimento e conclusão dos estudos e, por alguma razão, eles se sentem acolhidos nessa modalidade. Na EJA existem muito mais estudantes advindos do diurno, os quais não obtiveram êxito nas aprendizagens, nem uma educação democrática e crítica que pudesse garantir a participação ativa deles no contexto sócio-político-econômico-cultural em que

⁵ Esta expressão, segundo Freire, traduz a leitura de mundo dos educandos e precisa ser considerada e tomada como ponto de partida na relação educador-educando. (FREITAS, 2010, p. 365).

⁶ Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade significa não entender a juventude como um momento de preparo para chegar à vida adulta.

vivem, do que propriamente os estudantes que estavam afastados da escola há um bom tempo. A forte presença desses jovens na modalidade requer novas formas de garantir o direito à educação de qualidade para todas as pessoas que a buscam, não só lhes oportunizando o acesso, mas a permanência e conclusão dos estudos. Isso porque

Avançar um uma nova configuração de EJA significa reconhecer o direito de uma educação para todas as pessoas, independentemente de sua idade. Significa dizer que não se pode privar parte da população e bens simbólicos acumulados historicamente e que são transmitidos pelos processos escolares. Significa reconhecer que a garantia do direito humano à educação passa pela elevação da escolaridade média de toda a população [...] (HADDAD, 2007, p. 15).

Nesse viés, os educadores possuem o grande desafio de acolher esses jovens que tiveram, de alguma forma, seus direitos negados. Com base nisso, buscamos compreender com os docentes qual tem sido o papel dessa modalidade na vida dos jovens estudantes e dos adultos que a frequentam, e como tem sido essa experiência para os próprios educadores, os quais trabalham tanto no Ensino Médio regular quanto na EJA. A educadora *Mariposa* frisou que

[...] a EJA é um resgate social, é um compromisso. Eu sempre disse isso para o pessoal. Quem vem trabalhar com a EJA tem que ter um olhar diferenciado. Não tanto o compromisso com o conteúdo, mas com o resgate dele como ser humano. Eu penso isso que ele vem buscar alguma coisa aqui que a gente tem esse compromisso (EDUCADORA MARIPOSA/EB).

Observamos nessa colocação que a educadora demonstra possuir um olhar comprometido e amoroso em relação ao aspecto humano que precisa ser priorizado nas relações com os estudantes; e, conseqüentemente, no que diz respeito ao seu *quefazer* e aos dos seus colegas educadores, visto que afirmou ter sempre lembrado a esses docentes de que “a EJA é um resgate social”. A enunciação de *Mariposa* provocou discussões importantes no grupo; nesse momento, muitos educadores demonstraram ter consciência da importância dessa modalidade para o resgate da dignidade de inúmeros jovens e adultos.

No entanto, não podemos deixar de sinalizar aqui a importância de se repensar a escola regular para que não seja mais necessário resgatar os jovens que dela migram para a EJA. Segundo Henz (2007, p. 162), na medida em que o educador “se compromete com a luta, alimenta a esperança e intensifica o próprio processo de engajamento transformador”. É disso que a educação precisa! É importante e necessário buscar nos espaços de auto(trans)formação permanente novas possibilidades, menos excludentes e mais motivadoras do *ser mais* de todos.

Escutando os estudantes das Escolas do Bairro e do Centro sobre o que eles esperam das aulas na EJA, um deles salientou que, essa modalidade, “*oferece um pouco mais de flexibilidade do que o Ensino Médio regular. As aulas são mais tranquilas e o conteúdo é menor.*” (estudante da totalidade 8/EB). Então perguntamos a eles a que atribuíam as “aulas mais flexíveis”, e eles apontaram como diferencial da EJA que: as aulas não são tão conteudistas e que os conteúdos são mais significativos; os educadores são mais carinhosos; existe uma aproximação bem maior entre eles e os educadores e destes com eles.

Dialogando com os educadores sobre isso, mostramos as falas dos estudantes apresentadas anteriormente e a de outro jovem, que disse: “*Na EJA a gente tem mais liberdade de falar as coisas. Acho que por causa da idade né que é maior. Os professores nos respeitam e consideram mais. E também dá para falar os assuntos mais abertamente*”. (estudante da totalidade 8/EB). Inicialmente os educadores não se mostraram muito abertos ao diálogo sobre isso e mantiveram-se em silêncio. Até que, de repente a educadora *Kaká*, lembrando-se do nosso primeiro encontro da pesquisa, relacionou as colocações feitas pelos estudantes com a dinâmica que fizemos com os educadores, vendando-os e aguçando os sentidos de seu corpo. Ela enunciou:

Uma coisa que lembrei aqui que, no início, na dinâmica do primeiro dia, que vocês não solicitaram para a gente ficar em silêncio. Não foi solicitado, mas o pessoal foi silenciando. Então eu pensei na nossa relação com os alunos em sala de aula, tu fica falando (pedindo silêncio), querendo a atenção deles, e eles não escutam. Nós, na noite, até não é tanto, porque eles são adultos, mas pelos menores, adolescentes do diurno, nós não somos ouvidos e eles também não, então talvez se a gente não cobrasse tanto silêncio, fosse mais significativo. (EDUCADORA KAKÁ/EB).

Observamos nessa fala que a educadora, relembando a experiência vivenciada, percebeu que, às vezes, é necessário saber escutar para também conseguir conquistar a atenção das pessoas. Essa profunda relação feita por ela demonstrou o seu envolvimento nas discussões e reflexões realizadas durante os encontros auto(trans)formativos, bem como a sua percepção de que algo precisava ser repensado não só na sua prática em sala de aula como na de seus colegas, visto que ela dividiu com eles e conosco a sua constatação, provocando todos ao diálogo.

No entanto, ambos ficaram pensativos com a reflexão feita por *Kaká* e permaneceram em silêncio até passarmos para a discussão do próximo desafio sinalizado por eles. Entendemos que essa reação apresentada pelo grupo demonstrou que os educadores ainda possuem dificuldade de dialogar abertamente com os estudantes do ensino diurno, mas, na EJA, consideram importante escutar os estudantes. Para Freire (2011a), “somente quem

escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. [...] o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso ao aluno, em fala com ele”.

Percebemos, a partir das reflexões com os educadores, que essa prática tem sido sim uma forma de abrir espaço para que os jovens sintam-se mais acolhidos na EJA das escolas participantes. Todavia, compreendemos, diante das reações dos docentes, que estes não conseguem ter o mesmo entendimento da importância dela na relação com os jovens do Ensino Médio regular. É com estes estudantes que há um distanciamento, e são eles que buscam ser escutados e reconhecidos na EJA. Um tanto contraditório, afinal, estamos falando dos mesmos professores e dos mesmos estudantes.

METODOLOGIA

Esta investigação fundamenta-se em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Segundo Yin (2001, p. 39), “o estudo de caso investiga um fenômeno contemporâneo com profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes”.

Para a dinâmica dos encontros com os educadores, utilizamos a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos que vem sendo desenvolvida pelo Grupo *Dialogus*, inspirada nos Círculos de Cultura⁷ de Paulo Freire. Os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos procuram, através diálogo-problematizador, proporcionar uma reflexão crítica sobre o ato educativo, com um coletivo de pessoas, educadores e/ou educandos, com base nas questões levantadas pelo grupo com relação à temática.

Henz (2014) afirma que trabalhar com os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, como metodologia de pesquisa e formação, possibilita reconhecer cada pessoa na sua singularidade. Nessa direção, Freire (1997, p. 35) corrobora enfatizando que não podemos:

conhecer a realidade de que participam a não ser com eles, como sujeitos também deste conhecimento que, sendo, para eles, um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana) se torna um novo conhecimento. [...] Na perspectiva libertadora [...] a pesquisa, como ato do conhecimento, tem como sujeitos cognoscentes, de um lado, os pesquisadores profissionais; de outro, os grupos populares e, como objeto a ser desvelado, a realidade concreta.

⁷ Constituem-se como um espaço dinâmico de aprendizagem e troca de conhecimento através do diálogo, representativa de situações reais.

Diante disso, esta proposta epistemológico-política de pesquisa possui também características de pesquisa-formação, visto que “os participantes investem ativamente em cada etapa do trabalho” (JOSSO, 2010, p. 135). A pesquisa-formação ultrapassa a ideia de dissertar apenas sobre a formação dos sujeitos, para que estes se assumam como sujeitos da formação.

Realizamos os encontros formativos, bem como o estudo de caso em duas escolas da rede pública estadual da cidade de Santa Maria, RS, que oferecem Ensino Médio diurno e Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Os sujeitos coautores do estudo são educadores da EJA que atuam também no Ensino Médio diurno das escolas investigadas.

(IN)CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou-nos verificar que a EJA tem se configurado como um espaço humanizador de diálogo e escuta. Essa modalidade possui jovens que trouxeram/trazem consigo marcas de uma contexto-sócio-histórico-cultural opressor que o inferioriza, e que o culpa pela sua própria condição de oprimido e fracassado, bem como de uma escola que também o inferiorizou/inferioriza e o fez/faz vivenciar experiências de insucesso e exclusão. Pessoas que tiveram/têm suas vozes silenciadas no Ensino Médio diurno, mas que dependem dele para conquistar uma vida social mais digna e que, para isso, buscam nas salas de aula da EJA uma educação mais significativa, pautada em práticas humanizadoras capazes de possibilitar a conclusão de seus estudos.

Observamos também que os educadores participantes da pesquisa reconhecem que o Ensino Médio diurno é extremamente excludente, mas continuam tendo certa resistência em repensar os objetivos e seus quefazeres nessa etapa da Educação Básica. O que não acontece em relação ao seu *quefazer* no Ensino Médio EJA, já que, quando diz respeito a essa modalidade, todos facilmente compreendem a necessidade de propiciar aos estudantes uma educação diferenciada, significativa e humana, capaz de melhor acolhê-los.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, J. C.; REIS, J. T. **O Ensino Médio e os desafios da experiência**. São Paulo: Fundação Santillana, Moderna: 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d' Água, 2000.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997a.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011b.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZIKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

HADDAD, Sérgio. Por uma nova cultura de educação de jovens e adultos, um balanço de experiências de poder local. In: HADDAD, Sérgio. (Org). **Novos caminhos em educação de jovens e adultos – EJA**. São Paulo: Global, 2007, v 1., p. 07-26.

HENZ, Celso Ilgo. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, C. I.; ROSSATO, R. **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

HENZ, Celso Ilgo, **Círculos Dialógicos Investigativo-Formativos: pesquisa-formação permanente de professores**. VIII Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire: Por uma pedagogia dos direitos humanos. IFFS. Bento Gonçalves, 2014.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

YIN, Robert. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.